



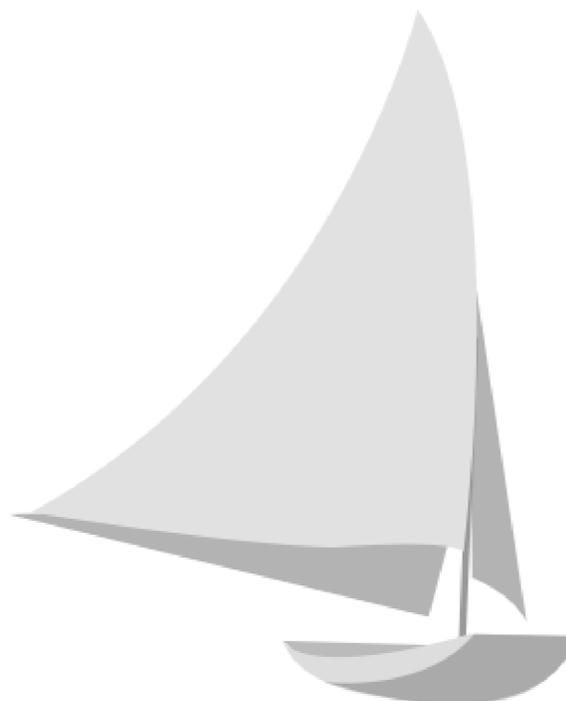
Notas Introdutórias sobre Estudos Organizacionais e Cidades

Autoria

Luiz Alex Silva Saraiva - saraiva@face.ufmg.br
CEPEAD/UFMG

Resumo

Em face de um contexto em que a cidade assume um crescente protagonismo no campo dos Estudos Organizacionais e gradativamente deixa de ser pano de fundo para ser um elemento central da análise organizacional, me proponho a qualificar a cidade como possibilidade de estudos para além dos campos em que tem sido convencionalmente estudada. Para isso, com base em um levantamento bibliográfico, trago três grandes correntes de temas que tem sido abordados nos estudos organizacionais brasileiros – Territorialidade; Sociabilidades, simbolismos e culturas; e Desigualdade social e segregação urbana – para não apenas apresentar, de forma parcial e incompleta, o esforço de uma rede de pesquisadores e pesquisadoras sobre o tema, mas para demonstrar a amplitude e fertilidade deste campo de conhecimento, um rico e complexo mosaico sempre em construção do que constitui a cidade e suas possibilidades nos Estudos Organizacionais.





Notas Introdutórias sobre Estudos Organizacionais e Cidades

Resumo

Em face de um contexto em que a cidade assume um crescente protagonismo no campo dos Estudos Organizacionais e gradativamente deixa de ser pano de fundo para ser um elemento central da análise organizacional, me proponho a qualificar a cidade como possibilidade de estudos para além dos campos em que tem sido convencionalmente estudada. Para isso, com base em um levantamento bibliográfico, trago três grandes correntes de temas que tem sido abordados nos estudos organizacionais brasileiros – Territorialidade; Sociabilidades, simbolismos e culturas; e Desigualdade social e segregação urbana – para não apenas apresentar, de forma parcial e incompleta, o esforço de uma rede de pesquisadores e pesquisadoras sobre o tema, mas para demonstrar a amplitude e fertilidade deste campo de conhecimento, um rico e complexo mosaico sempre em construção do que constitui a cidade e suas possibilidades nos Estudos Organizacionais.

Palavras-chave: Estudos organizacionais; Cidades; Urbe; Análise organizacional.

Considerações iniciais

Meu objetivo neste texto é qualificar a cidade como possibilidade de estudo para além dos convencionais campos do Urbanismo, da Geografia ou da Administração Pública, centrando na perspectiva dos Estudos Organizacionais a tarefa de constituir o fio condutor do ponto de vista teórico de uma discussão dessa natureza no campo da Administração. Assumo, como não poderia deixar de ser, que essa empreitada só é possível a partir das possibilidades de soma de muitos prismas distintos de análise, os quais trago para o texto. Meu é trazer os estudos realizados no campo de Administração em geral, e nos Estudos Organizacionais, em particular, de maneira a demonstrar a pujança e a pluralidade das pesquisas que tematizam a cidade. Todavia, não tenho esperanças de esgotar o assunto, e por isso assumo que se trata de “notas” de um texto em construção.

A cidade se apresenta e, mais do que isso, gradativamente se destaca enquanto objeto de pesquisa porque se trata de um entrecruzamento formidável de pessoas, saberes, diferenças, possibilidades das quais não podemos nos furtar enquanto área de conhecimento (FISCHER, 1996). Ela se situa em uma paisagem do ponto de vista geográfico, constitui um espaço específico repleto de lugares situados e percebidos simbolicamente, e de inúmeros territórios em disputa pelos que a habitam. Eivada de edificações e vias, sujeita a limites e regulamentações, habitada por pessoas que pertencem a grupos sociais diversificados, a cidade se vê concretamente experimentada de maneira distinta pelos diversos grupos urbanos, o que multiplica as possibilidades de aproximação e de análise, bem como os desdobramentos para sua compreensão (KUSTER; PECHMAN, 2014).

Sendo a cidade este cruzamento de elementos e possibilidades, não surpreende que tantas áreas de conhecimento a tratem tentando compreender a sua complexa trama. Assim, penso que, ao contrário de nos perguntarmos por que a cidade deveria nos interessar enquanto objeto de pesquisa, a questão deveria ser: “por que a cidade não deveria nos interessar enquanto



objeto de pesquisa”? Já que essa temática se apresenta como algo relativamente novo neste campo, minha intenção é a de explorar uma parte do que já foi produzido sobre o assunto, mesmo ciente de que não o esgotarei – o que nem é a minha intenção, inclusive.

As cidades e os Estudos Organizacionais: uma teia em contínua construção

A cidade na área da Administração tem sido problematizada de muitas formas. Todavia, no que interessa aos propósitos desse texto, elegemos a abordagem no campo dos **Estudos Organizacionais** como foco não apenas por uma questão de aderência, mas por coerência e aproximação, uma vez que eu próprio possuo uma profícua produção na área. Nos Estudos Organizacionais, a cidade tem sido problematizada para além dos aspectos materiais, isto é, as políticas públicas, os planos e edificações. Tomamos a cidade enquanto experiências vividas, como possibilidades de vivência, e como isso pode se materializar e ser problematizado de distintas maneiras.

Cidade e territorialidade

Um primeiro tema que aparece com força é o da territorialidade. Entendida como uma possibilidade dos sujeitos na cidade, a vivência nos espaços se dá em um contexto de manifestação de diferenças e de disputas pelo mesmo espaço urbano. Bretas e Saraiva (2013), por exemplo, se voltam a discutir as práticas de controle e as territorialidades no âmbito urbano. Para isso, elegem o trabalho de flanelinhas e lavadores de carro da cidade de Belo Horizonte. Os principais resultados sugerem que o uso de práticas formais de controle, como a emissão de bilhetes de estacionamento na cidade, tenta promover a desterritorialização e legitimar discursos hegemônicos, vinculados ao ganho econômico, silenciando sobre outros problemas urbanos, como a falta de oportunidades profissionais, por exemplo. Assim, atores que não tem seus interesses defendidos desenvolvem suas próprias práticas de controle na cidade, o que deveria ser considerado na gestão urbana, já que a cidade inclui as vivências da sua população.

Carrieri, Saraiva e Pimentel (2008), ao tratar da institucionalização da Feira Hippie de Belo Horizonte, identificaram influência do poder público durante os primeiros quarenta anos da feira, sugerindo que a legitimidade de organizações não ortodoxas como esta pode se submeter a critérios ortodoxos, como a legislação, à medida que os atores não delimitam seu território claramente, o que dá margem a que trabalhos com foco simbólico possam ser desenvolvidos para analisar como os indivíduos se posicionam dentro dos campos institucionalizados.

Tratando de outra organização não-ortodoxa, Coimbra e Saraiva (2013) estudaram o Movimento Quarteirão do *Soul*, tendo alcançado resultados que sugerem que, como um mesmo espaço pode abrigar vários lugares, a territorialidade é dinâmica, o que leva a encarar o lugar como uma construção social. Os autores sustentam que é necessário considerar as intervenções sociais no espaço urbano sob a ótica simbólica, devendo ser a cidade vista para além de seus limites físicos e geográficos, já que ela é o que o seu povo acredita, vivencia e (re)cria.

Com foco também na territorialidade, mas a associando-a à identidade nas organizações, Saraiva, Carrieri e Soares (2014) examinaram o Mercado Central de Belo Horizonte, uma organização em que identificaram a existência de três territórios: o do comércio, o da fé e o da administração. Esses territórios têm fronteiras pouco claras, influenciando-se mutuamente e,



em alguns casos, entrando em atrito, seja pelo extravasamento de funções, seja porque o convívio entre desiguais se instala, o que gera a necessidade de “jogar o jogo” organizacional. A identidade termina sendo configurada dinamicamente, tendo como referência a cidade e como esta sugere “regras do jogo” para a interação naquele ambiente específico.

Cidade, sociabilidades, simbolismos e culturas

Um segundo eixo de discussão traz a cidade como lugar de sociabilidades, simbolismos e de culturas. Preocupados com o conceito de organização-cidade, Saraiva e Carrieri (2012) exploram o caso da cidade mineira de Itabira, representada de forma complexa e contraditória, variando de um polo material (cidade operária mineradora) a outro simbólico (cidade cultural). Enfatizando a história, a identidade e o povo, os autores avançam no conceito de cidade ao destacar a necessidade de se assumir a cultura como metáfora, já que a cidade é, inescapavelmente, seu povo.

Teixeira, Carrieri e Peixoto (2015), por sua vez, problematizam o cotidiano da cidade de Belo Horizonte na Revista Veja BH, tendo mapeado de que se trata da uma representação midiática elitista e glamourizada do cotidiano da classe média alta belo-horizontina, suas formas de lazer, suas práticas culturais e gastronômicas. Tal perspectiva sobrepõe a cidade planejada em detrimento da cidade vivida e silencia sobre problemas que possam “arranhar” a imagem de uma cidade poderosa e em crescimento.

Ipiranga (2010) explora a cultura da cidade, assumindo que a conformação de uma cidade e a organização de seus espaços formam uma base material por meio da qual é possível fazer uma reflexão sobre a gama de sensações e práticas sociais. Com base nessa perspectiva, a autora se lança à tarefa de compreender o espaço urbano por meio da consideração da sua cultura e dos seus espaços intermediários – ruas, bairros e equipamentos como os bares e restaurantes. O desenvolvimento socioterritorial entra em foco à medida que os dados permitiram identificar tempos simultâneos e espaços diferenciados de uma “cidade dividida em duas, rica em simbolismos e interação, fragmentada e solitária, incapaz de compartilhar os códigos culturais, o que sugere desafios à sua gestão” (IPIRANGA, 2010, p. 66).

Na mesma linha, Colares e Saraiva (2016a) defendem que teorizar sobre cultura sempre pode levar-nos a generalizações descabidas, daí a necessidade de refletir sobre culturas – no plural. Com base nessa ideia, os autores se propõem a analisar material midiático em redes sociais para analisar a construção da representação social de “cultura” a partir do Circuito Cultural Praça da Liberdade e do Espaço Comum Luiz Estrela, ambos localizados em Belo Horizonte –MG. Observa-se uma tendência de qualificar o Circuito Cultural Praça da Liberdade como um espaço “oficial” e nobre, enquanto outros espaços culturais tendem a ser marginalizados. Todavia, exemplos como o Espaço Comum Luiz Estrela demonstram que a iniciativa popular emerge como uma possibilidade de novas representações da cultura, contrapondo-se a representação hegemônica.

Ao examinar artefatos culturais da cidade de Itabira, Saraiva (2017), se depara com os efeitos da indústria cultural, uma vez que nessa cidade a cultura é usada para manter as disparidades sociais. Isso significa, por um lado, a tentativa de um pequeno grupo de invocar e impor, por meio de monumentos, uma figura – a do poeta Carlos Drummond de Andrade – como mote da cultura local e, por outro, que essa figura seja rejeitada pelos nativos, os quais não reconhecem, na sua obra, sua própria cultura, e tampouco a cultura de que necessitam



Outra forma de sociabilidade nos é dada por Fantinel e Fischer (2012), que analisam os cafés como espaços privilegiados de sociabilidade urbana. Para as autoras, o espaço café se mantém na contemporaneidade porque é espaço gregário, associativo e simbólico em diferentes medidas, traduzindo algumas formas de sociabilidade contemporânea, como diferentes tipos de interação e socialização. “Estudar os cafés possibilita compreender fenômenos organizacionais perenes, mas que se transformam conforme os espaços e tempos em que vivem. Os cafés são, pois, emblemáticos nesse sentido, em cidades do Brasil e do mundo” (FANTINEL; FISCHER, 2012, p. 281).

Ao observar a cultura organizacional de um restaurante Chale da Praça XV, ponto turístico da cidade de Porto Alegre, Fantinel e Cavedon (2010) encaram o desafio de discutir o simbolismo das representações sociais quanto ao tempo e ao espaço. Elas mapearam as representações de tempo e espaço dos clientes e trabalhadores do restaurante, tendo identificado homogeneidades e heterogeneidades entre elas, tendo concluído sugerindo alternativas para incrementar o potencial turístico do estabelecimento.

Saraiva e Machado (2007), também com foco na cultura organizacional, tratam do caso do Museu Histórico Abílio Barreto, em Belo Horizonte. Esta organização apresenta duas culturas organizacionais simultaneamente: uma que preserva a memória do Curral Del Rey, espaço geográfico que precedeu a criação de Belo Horizonte e onde a cidade foi erigida. O outro celebra a modernidade republicana, uma vez que a capital mineira foi considerada a vitrine da República e seus ideais de modernidade. Esse embate se dá na existência de dois acervos, de duas arquiteturas e de duas matrizes simbólicas que competem entre si na definição de qual memória (e de qual cidade) preservar, o que traz inúmeros desdobramentos para a compreensão da capital mineira.

Ipiranga (2016) também explora as práticas culturais de espaços urbanos, mas relacionando-as ao organizar estético. A autora problematiza culturas, histórias, estranhezas, sociabilidades e formas específicas de operações, segundo Michel de Certeau (2014) e outros autores. A partir daí, “costura” a discussão com as possíveis experiências estéticas proporcionadas pelo atuar nas práticas de espaços urbanos dos sujeitos que vivem na cidade, concluindo o artigo com sugestões de pressupostos e procedimentos metodológicos que podem ser empregados nessa perspectiva.

No estudo de Pimentel *et al.* (2011), os autores se propõem a explorar a relação entre a elaboração de metáforas e a identidade dos espaços, físico e simbólico na cidade de Congonhas, em Minas Gerais. Os achados da pesquisa sugerem que os elementos materiais, além de serem indexadores por excelência da produção metafórica de sentidos, cumprem um papel de significar em um domínio ontológico, isso é, dependendo de quanto se tem, se acessa tipos específicos de espacialidade. Achados semelhantes foram feitos por Saraiva e Carrieri (2014) no que se refere à materialidade de uma história singular, um operário que se tornou poeta na cidade de Itabira, em Minas Gerais. As condições materiais às quais ele teve acesso ao longo dos anos circunscreveram uma forma específica de lidar com a cidade, ressignificando-a à medida que se alterava concretamente como sujeito.

Cidade, desigualdade social e segregação urbana

Uma terceira linha de estudos problematiza a relação entre desigualdade social e segregação urbana. A desigualdade social pode se apresentar de inúmeras formas. Nos textos



selecionados, ela se caracteriza pela espacialidade, pela economia informal, pela questão racial, pelo etarismo ou situação de rua, e pela estética marginal.

Silva e Saraiva (2019), ao se debruçarem sobre os discursos relacionados aos projetos de requalificação das cidades, procuraram identificar as estratégias que legitimam (ou que pretendem legitimar) o processo de (re)produção do espaço urbano. Os autores problematizaram as obras de revitalização da região portuária da cidade do Rio de Janeiro, tendo identificado que as construções discursivas procuram associar tempo e espaço, bem como as ideias de “recuperação” à possibilidade de “comercialização” – o que inclui memórias e identidades no âmbito da cidade.

Medeiros, Valadão Junior e Ferreira (2008), ao tratar de condomínios horizontais fechados na cidade de Uberlândia, problematizam as relações entre excluídos e “incluídos” a partir dos espaços em que ocupam na cidade. A ocupação de espaços implica formas de representação muitas vezes alheias ao que se passa fora dos muros do condomínio, e que a produção do espaço como fonte de poder não é uma tendência recente, tendo sido o usado historicamente usado para segregar classes sociais.

Coimbra e Saraiva (2014) nos dão um exemplo desta segregação espacial ao confrontar o espaço produzido e o espaço vivido pelos integrantes do Quarteirão do *Soul* em Belo Horizonte. Nesse movimento social, o espaço urbano é construído pelos atores sociais a partir de suas emoções e representações. Os membros, negros pobres e da periferia se apropriam, física e simbolicamente, do centro da cidade para dançar *soul music*, para além das edificações e regulações. Os autores identificaram que o Quarteirão do *Soul* destaca-se pela ressignificação de tempo e de espaço, uma vez que viver a cidade altera a dinâmica de um local para que seus participantes reafirmem sua identidade com a cultura *soul*.

Uma segunda forma de desigualdade verificada diz respeito ao ponto de vista econômico, e se refere aos trabalhadores informais. Rodrigues e Ichikawa (2015) tratam do cotidiano de um catador de material reciclável, problematizando a “escolha” dos que lidam com o lixo urbano. Eles identificaram que embora trabalhar na rua não seja uma escolha e a liberdade das ruas seja imprescindível, na atividade podem coexistir ações táticas e estratégicas, ressignificando o homem ordinário dos subprodutos da sociedade. A discriminação que sofrem da sociedade o oprime, influenciando seu consumo e a forma pela qual ele usa o espaço urbano, prevalecendo a subsistência sobre a sustentabilidade.

Mendes e Cavedon (2012) argumentam que a atividade de camelô, sua precariedade e informalidade no contexto urbano se deve a uma incapacidade do mercado formal de absorver mão-de-obra. O mercado camelô que tal atividade suscita, conforme os autores, é uma prática urbana – mas uma daquelas que se deseja esconder de todas as formas possíveis porque escapa das prescrições das políticas vigentes. Nesse sentido, Carrieri, Maranhão e Murta (2009) analisaram a mudança dos camelôs para os shoppings populares na cidade de Belo Horizonte, uma ação orquestrada pela prefeitura municipal que terminou por “higienizar” a cidade, livrando-a de tudo o que a distanciasse do projeto de cidade global. Os autores identificaram o aumento da precariedade de suas condições políticas e sociais de trabalho em conversas com os próprios camelôs, o que nem sempre correspondeu aos discursos da mídia e da prefeitura sobre o assunto.

Perdigão, Carrieri e Saraiva (2014) exploraram como o empreendedorismo informal é retratado no discurso oficial representativo da Prefeitura de Belo Horizonte e dos camelôs



dessa cidade. Ratificando o estudo anterior, os autores concluem que a transferência compulsória dos camelôs das ruas para os novos espaços comerciais atenderam a interesses públicos e empresariais, que se viam prejudicados pela atividade empreendedora informal. Ao serem reclassificados como “lojistas”, os camelôs tiveram de assumir novos papéis, de empreendedores, em um quadro geral de precarização das condições de trabalho.

Por fim, ainda do ponto de vista econômico, mesmo atuando em uma verdadeira instituição da cidade de Belo Horizonte, a Feira Hippie, os trabalhadores precisam fazer uso de estratégias subversivas para sobreviver. Carrieri *et al.* (2008) identificam, do ponto de vista da estratégia na perspectiva microsocial dos atores, que os trabalhadores, lidando com diferentes fontes de pressão, definem suas existências por meio de trajetórias instáveis e obscuras como mecanismos de interação entre os micro e macro contextos.

A questão racial é, nos textos, uma terceira forma de desigualdade urbana. O estudo de Nascimento *et al.* (2015) fornece pistas de que espaços privados, como shopping centers, são fortemente segregados racialmente ao se constituírem como espaços simbólicos privativos de determinados grupos sociais. Os dados empíricos do estudo evidenciam a construção discursiva da “cor” como dimensão de significação das representações e práticas sociais dos indivíduos que demarcam simbolicamente quem pode e onde deve circular em determinados espaços organizacionais, especialmente nos shoppings centers.

Esses achados são corroborados pelo estudo de Nascimento *et al.* (2016), voltado a compreender como os discursos da mídia eletrônica apresentam reflexos e refrações das práticas de resistência dos jovens de periferia (os “rolezinhos”) nos espaços organizacionais dos shopping centers. Estes, construídos como espaços organizacionais de segregação – explicitamente pelo consumo e, implicitamente, pelo racismo – enfrentam resistências e ressignificações de grupos marginalizados, tensionando relações urbanas sociais e urbanas assimétricas nessas organizações.

Grupos marginalizados pelo etarismo, por estarem na rua ou por exercerem uma atividade marginal marcam o quarto tipo de desigualdade estudado. Com uma perspectiva etária, Colares e Saraiva (2016b) exploraram o lugar dos idosos no contexto da sociedade capitalista, tendo em vista suas limitações físicas e psicológicas e o conseqüente desprezo de que desfruta o ser humano idoso por sua inaptidão ao trabalho e ao capital. Observando a construção da noção do “ser idoso” por meio das práticas de sociabilidade desenvolvida por estes no espaço urbano em Belo Horizonte, o estudo identificou que, à exceção daqueles que ainda podem ter habilidades ou conhecimentos aproveitados pelo capital, a maioria dos idosos são tidos como velhos e, portanto, desprezados assim que passam a não satisfazer as necessidades do mercado de trabalho. A aposentadoria, que deveria servir de sustento aos idosos e retribuição aos anos de contribuição ao sistema de seguridade, acaba por ser insuficiente, lançando-os ao mercado de trabalho novamente e, mais uma vez, reafirmando sua posição marginalizada – ocupando vagas no trabalho informal e, frequentemente, em subempregos.

Honorato e Saraiva (2016, p. 158) se lançam à tarefa de ampliar as fronteiras do que é tomado como organização e, assim, o que pode ser objeto de análise organizacional, para tanto problematizando a população em situação de rua. Os autores assumem que a cidade, “sendo por definição ‘habitada’, para desfrutar de um olhar adequado, precisa que a análise organizacional vá além da administração pública e do urbanismo, incorporando os que vivem a cidade e, com isso, determinam o que ela, de fato, é”. Partindo de uma discussão sobre cidade-modelo, subordinada a interesses econômicos, e que por isso precisa ser “limpa” para



propiciar seu consumo imediato, e sobre o papel no *management* na promoção da cidade global, os autores tratam, sob a ótica de Michel de Certeau, das cidades praticadas e das microliberdades possíveis na apropriação popular do urbano. As principais contribuições sugerem que a cidade é um *locus* dos Estudos Organizacionais por excelência, sendo seus diversos aspectos possíveis partes, também, da análise organizacional, uma vez que a dinâmica social urbana abriga múltiplos confrontos, como os entre ordem e subversão, o que expõe diversas possibilidades de entender a cidade do ponto de vista organizacional.

Em “A construção social da ordem e da subversão nos discursos da (e sobre a) população em situação de rua de Belo Horizonte”, Honorato, Saraiva e Silva (2017) procuram revelar a construção social das noções de ordem e subversão nos discursos da população em situação de rua da capital mineira e dos atores implicados (sociedade domiciliada, entidades de auxílio, representantes da municipalidade, polícia e comerciantes). Os autores problematizam a associação entre ordem e normalidade e a relação da sociedade com o que ela considera um descartável urbano, entendendo a subversão como uma práxis política necessária para impulsionar a transformação social na direção de uma convivência humana mais afeita à diversidade cultural.

Viegas e Saraiva (2015) abordaram a relação entre discursos, práticas organizativas e pichação na cidade de Belo Horizonte. Para os autores, a forma pela qual as cidades têm sido apresentadas hegemonicamente privilegia uma ótica de ordenamento social e urbano, inegavelmente favorável à valorização econômica. À medida que essa perspectiva é abandonada por grupos que, por exemplo, desejem se expressar, territorializando a cidade a partir de representações distantes do que é esperado, como a pichação, observamos discursos e ações de repressão pela “manutenção da ordem”. A todo custo, a cidade deve ser uma “vitrine”, o que exclui qualquer possibilidade de estética que não seja estreitamente comprometida com a valorização do capital. Silencia-se sobre o não acesso à cultura nas periferias, as segregações múltiplas de origem, classe social, raça, profissão a que os mais pobres estão sujeitos na cidade em nome de um ordenamento urbano que não está presente nas periferias em que tais pessoas vivem. Não é de se espantar que as regulamentações existentes não encontrem eco entre os pichadores, que adotam uma espécie de ética do “pixo”, que se opõe, estética e politicamente, ao programa da prefeitura, à conduta policial e ao pensamento dominante sobre a pichação e os pichadores.

Considerações finais

Nesse texto me lancei à tarefa de procurar sistematizar uma aproximação entre Estudos Organizacionais e Cidade. A ideia é conferir protagonismo à cidade, de maneira a se consolidar enquanto tema, e superar seu *status* de objeto no campo dos Estudos Organizacionais. A partir de um caminho extensivo que procurou percorrer, de forma sintética, dezenas de contribuições de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, procurei situar a crescente e interdisciplinar produção de conhecimento a respeito das cidades, com foco na pluralidade de perspectivas em torno da cidade enquanto tema.

Na segunda parte, trouxe a discussão especificamente para o campo dos Estudos Organizacionais, não apenas por ser o campo em que me situo como pesquisador, mas, sobretudo, em virtude da necessidade de sistematização do já expressivo e crescente volume de pesquisas e publicações sobre a cidade. Aqui encontrei três grandes correntes ou linhas mestras que parecem se complementar, ou cujas fronteiras são, em alguns casos, borradas como ocorre em fenômenos complexos. O primeiro grupo de textos enfoca a territorialidade,



promovendo discussões que giram em torno da disputa pelos espaços na cidade pelos diversos grupos sociais que a compõem. Um segundo foco se concentra em torno de estudos de sociabilidades, simbolismos e de culturas, entendendo o urbano como um complexo amálgama de possibilidades simbólicas erigidas a partir dos diferentes modos de sociabilidade na urbe. Por fim, a última corrente trabalha com a desigualdade social e segregação que grupos de alguma forma marginalizados vivenciam no âmbito das cidades. Evidentemente esses três grupos não esgotam o que podemos encontrar de possibilidades no campo, mas apontam caminhos promissores para os Estudos Organizacionais.

O que se pode esperar desse encontro? A julgar pela expressiva quantidade de publicações sobre o tema, um amplo e fértil terreno. Um rico mosaico de possibilidades a partir de múltiplos e interdisciplinares olhares sobre o urbano, com uma perspectiva organizacional. E como organização é um conceito polimorfo e em contínua disputa, nesse processo é preciso pensar sobre uma perspectiva de organização que possa abranger e permitir um olhar que nos habilite, enquanto membros da comunidade de Estudos Organizacionais, a entender do que se trata a cidade enquanto organização. Como não tenho a capacidade de enxergar o futuro, torço é para que estudantes e colegas de diversas áreas possam ver nesse percurso um caminho ao qual desejem se juntar, contribuindo para a ampliação do que se toma por organização e análise organizacional.

Referências

BRETAS, P. F. F.; SARAIVA, L. A. S. Práticas de controle e territorialidades na cidade: um estudo sobre lavadores e flanelinhas. **Gestão.Org: Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 11, n. 2, p. 247-270, maio/set. 2013.

CARRIERI, A. P.; MARANHÃO, C. M. S. A.; MURTA, I. B. D. Crítica ao manejo humano em Belo Horizonte. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 6, p. 1315-1342, nov./dez. 2009.

CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S.; LIMA, G. C. O.; MARANHÃO, C. M. S. A. Estratégias subversivas de sobrevivência na “Feira Hippie” de Belo Horizonte. **Gestão.Org: Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 6, n. 2, p. 174-192, 2008.

CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S.; PIMENTEL, T. D. A institucionalização da Feira Hippie de Belo Horizonte. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 15, n. 44, p. 63-79, jan./mar. 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 22. 2d. Petrópolis: Vozes, 2014.

COIMBRA, K. E. R.; SARAIVA, L. A. S. Confrontos entre o espaço produzido e o espaço vivido em Belo Horizonte: um estudo sobre o Quarteirão do Soul. **Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v. 14, n. 37, p. 28-52, out./dez. 2014.

COIMBRA, K. E. R.; SARAIVA, L. A. S. Territorialidade em uma organização-cidade: o movimento Quarteirão do Soul. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v. 29, n. 86, p. 34-46, maio/ago. 2013.

COLARES, A. F. V.; SARAIVA, L. A. S. Representações sociais da cultura em Belo Horizonte, **Revista Gestão & Conexões**, Vitória, v. 5, n. 1, p. 19-37, jan./jun. 2016. (a)



COLARES, A. F. V.; SARAIVA, L. A. S. Problematizando o velho e o idoso sob a ótica do capital. **NAU Social**, Salvador, v. 7, n. 12, p. 55-67, 2016. (b)

FANTINEL, L. D.; FISCHER, T. M. D. Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 6, n. 15, p. 280-307, set./dez. 2012.

FANTINEL, L. D.; CAVEDON, N. R. A cultura organizacional do restaurante Chale da Praça XV em Porto Alegre: espaços e tempos sendo revelados. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 6-37, jan./fev. 2010.

FISCHER, T. (Org.). **Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

HONORATO, B. E. F.; SARAIVA, L. A. S. Cidade, população de rua e estudos organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, ano 14, n. 36, p. 158-186, out./dez. 2016.

HONORATO, B. E. F.; SARAIVA, L. A. S.; SILVA, E. R. A construção social da ordem e da subversão nos discursos da (e sobre a) população em situação de rua de Belo Horizonte. **Organizações em Contexto**, São Bernardo do Campo, v. 13, n. 26, jul./dez. 2017.

IPIRANGA, A. S. R. Práticas culturais de espaços urbanos e o organizar estético: uma proposta de estudo. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 105-123, maio/ago. 2016.

IPIRANGA, A. S. R. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 65-90, jan./fev. 2010.

KUSTER, E.; PECHMAN, R. **O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MEDEIROS, C. R. O.; VALADÃO JUNIOR, V. M.; FERREIRA, A. P. Condomínios horizontais fechados: segregação do espaço social. **Revista Eletrônica de Administração**, Franca, v. 11, ed. 12, s. p. jan./jul. 2008.

MENDES, L.; CAVEDON, N. R. A atividade de camelô como prática urbana no contexto das cidades. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 123-140, jan./jun. 2012.

NASCIMENTO, M. C. R.; OLIVEIRA, J. S.; TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P. Com que cor eu vou pro shopping que você me convidou? **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 19, 3. ed. esp., art. 1, p. 245-268, out. 2015.

NASCIMENTO, M. C. R.; TEIXEIRA, J. C.; OLIVEIRA, J. S.; SARAIVA, L. A. S. Práticas de segregação e resistência nas organizações: uma análise discursiva sobre os “rolezinhos” na cidade de Belo Horizonte (MG). **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 55-81, jan./fev. 2016.

PERDIGÃO, D. A.; CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. Das ruas para os shoppings populares: o empreendedorismo informal no discurso dos camelôs e da Prefeitura de Belo



Horizonte. **Perspectivas Contemporâneas**, Campo Mourão, v. 9, n. 1, p. 43-58, jan./jun. 2014.

PIMENTEL, T. D.; CARRIERI, A. P.; PIMENTEL, M. P. C.; BRITO, M. J. “Da basílica à feira... Do oásis ao Shoppingleu”: a trajetória das metáforas do Jubileu em Congonhas (MG). **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 45-66, jan./fev. 2011.

RODRIGUES, F. S.; ICHIKAWA, E. Y. O cotidiano de um catador de material reciclável: a cidade sob o olhar do homem ordinário. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 97-112, jan./abr. 2015.

SARAIVA, L. A. S. O poeta e a cidade: um estudo semissimbólico de artefatos culturais. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, p. 31-51, jan./abr. 2017.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 547-576, mar./abr. 2012.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P.; SOARES, A. S. Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do Mercado Central de Belo Horizonte. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 2, p. 97-126, mar./abr. 2014.

SARAIVA, L. A. S.; MACHADO, A. M. A. Bipolaridade simbólica no Museu Histórico Abílio Barreto. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 1-14, jun. 2007.

SILVA, C. L. O.; SARAIVA, L. A. S. O espetáculo por trás do canteiro de obras: estratégias discursivas dos projetos de revitalização da cidade olímpica. **Organizações & Suetantabilidade**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 32-46, jan./jun. 2019.

TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P.; PEIXOTO, T. C. O cotidiano da cidade de Belo Horizonte na revista *Veja BH*: a classe média alta, a cidade poderosa e os dilemas do planejado versus o vivido. **Gestão & Conexões**, Vitória, v. 4, n. 2, p. 7-39, jul./dez. 2015.

VIEGAS, G. C. F. S.; SARAIVA, L. A. S. Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 68-94, set./out. 2015.